RELATÓRIO GERENCIAL **SET | 2024**

SNID11

SUNO INFRA DEBÊNTURES FI EM COTAS DE FUNDOS INCENTIVADOS DE INVESTIMENTO EM INFRA RENDA FIXA CP

CNPJ

48.969.881/0001-80

INÍCIO DO FUNDO

DEZEMBRO/2022

ADMINISTRADOR

BTG PACTUAL SERVIÇOS FINANCEIROS S.A. DTVM

PÚBLICO-ALVO

INVESTIDORES EM GERAL

GESTOR

SUNO GESTORA DE RECURSOS LTDA

TAXA DE ADMINISTRAÇÃO

0,10% A.A.

TAXA DE GESTÃO

0,85% A.A

TAXA DE PERFORMANCE

N/A

SUNO INFRA DEBÊNTURES FI EM COTAS DE FUNDOS INCENTIVADOS DE INVESTIMENTO EM INFRA RENDA FIXA CP

O Suno Infra (SNID11) é um Fi-Infra, um produto de renda variável que investe em ativos de renda fixa (debêntures), em sua maioria debentures incentivadas (títulos de renda fixa emitidos por empresas que realizam projetos de infraestrutura). Tais debentures assim como os fundos são regidas pela lei 12.431/11, que garante a ambos a isenção total de imposto, ou seja, isenção tanto nos rendimento quanto no ganho de capital. Apesar dos ativos que o SNID possui não serem todos indexados ao CDI, a gestão utiliza derivativos de forma a realizar o swap de indexador, passando a indexar as debêntures em carteira ao CDI, oferecendo um produto com menor volatilidade patrimonial e maior previsibilidade de rendimentos.

SUMÁRIO

INDICADORES 3

DESTAQUES DO PERÍODO 3

CARTA DO GESTOR 4

CENÁRIO MACRO 7

PERFORMANCE/DESEMPENHO 17

GUIDANCE 22

CARTEIRA 23

ALOCAÇÕES 25

DETALHAMENTO DOS PRINCIPAIS ATIVOS 28

INDICADORES

R$ 0,10 Distribuição por cota	12,49% *Dividend Yield* (12 meses)	12,41% *Dividend Yield* Anualizado
R$ 10,23 Cota Patrimonial*	R$ 10,21 Cota Fechamento de Mercado*	1,00 P/VP
R$ 73,7 Mi Patrimônio Líquido*	R$ 345 mil Volume diário médio (setembro)	7.885 Número de cotistas
CDI + 2,29% Carrego do fundo	4,7 Duration da carteira	7.203.840 Número de cotas

DESTAQUES DO PERÍODO

No mês de setembro, foi realizada compra de R$ 1,0 mi de BRKP28, uma debênture incentivada adquirida no mercado secundário, além da venda total da posição de R$ 2,0 mi de BRPA0 e redução da exposição a VAMO13.

Em outubro, o fundo irá distribuir R$ 0,10, mantendo o nível de distribuição dos últimos meses, o equivale a 111,1% do CDI do período ou 143,3% do CDI, considerando o gross-up**.

A carteira do SNID rendeu R$ 0,12 em setembro, considerando os efeitos de marcação a mercado e derivativos (R$ 0,02) e carrego (R$ 0,10).

O carrego do fundo, hoje de CDI+2,29%, apresentando uma queda em relação ao mês anterior, devido a menor alocação em debêntures não incentivadas.

*Fechamento 30/09
**Gross-up: é a inserção da alíquota de imposto (IR) em produtos que oferecem isenção tributária, usado para demonstrar qual teria que ser o retorno necessário de produto não isento para se igualar a rentabilidade de um produto isento. A alíquota de IR varia de 22,5% a 15%, conforme o tempo investido no produto.

CARTA DO GESTOR

No mês de setembro, a Taxa Selic teve um aumento de 0,25%, primeiro aumento após quase 2 anos de manutenção e quedas, desta forma a Taxa Selic fechou o mês em 10,75% a.a. Este movimento já era esperado como o relatado no último RG, estes incrementos na taxa de juros devem continuar até o final do ano, com uma provável aceleração para as próximas reuniões. Isto pode contribuir com o carrego nominal do fundo, tendo em vista que a carteira do SNID11 é remunerada através da composição do CDI mais um spread, hoje em 2,3%.

Atualizações da carteira

No mês de setembro, foi feito um giro de debêntures de um mesmo emissor na carteira, sendo feita a **compra de R$ 1 mi de BRKP28**, com os efeitos de derivativos, a compra foi feita com um spread de **CDI + 1,28%**, em contrapartida realizamos a **venda total da posição de R$ 2 mi de BRKPA0**, a uma taxa de **CDI + 2,51%**. Na margem essa alocação reduz o carrego da carteira, porém é algo necessário dada a necessidade de enquadramento do fundo, porém mantemos a exposição ao emissor, mantendo o risco de crédito inalterado.

Também foi feita a redução na exposição ao emissor Vamos, através da **venda de R$ 1,0 mi de VAMO13**, a uma taxa **de CDI + 2,31%**, a redução foi feita visando a alocação em ativos incentivados, além de reduzir a exposição total ao Grupo Simpar, que hoje está pouco acima de 10%, o SNID manteve 37 debêntures de 31 emissores.

Além das mudanças supracitadas, um ativo da carteira obteve um *upgrade* na nota de crédito. A debênture **IRJS14**, passou a ser **AAA**, antes sendo um AA+, pela S&P. O *upgrade* foi motivado após a contratação de uma linha de crédito de R$ 1 bi, do programa do Governo Federal "Saneamento para Todos", a uma taxa de TR + 8,20%, o que acabou reduzindo o risco de necessidade de capitação a mercado, além da manutenção operacional da concessão.

No mês de setembro, foi desmontada a operação compromissada, dado que o objetivo inicial da operação era antecipar a alocação em ativos incentivados, agora com o fundo devidamente alocado em debêntures incentivadas o uso de operações compromissadas foi zerado, porém poderemos voltar a tomar uma compromissada caso vejamos oportunidades de alocação.

SNID: a maturação da carteira e consolidação da estratégia

Recentemente presenciamos diversas atualizações de *rating* de crédito de ativos da carteira, no geral temos tido mais *upgrade* do que *downgrade* de crédito, mostrando que os investimentos realizados pela gestão têm tido melhoras operacionais, reduzindo de forma relevante o risco de crédito, como exemplos recentes temos os casos de Brisanet, Brava (Enauta), Casan e mais recentemente de Iguá Rio.

Isso prova que a diligência e metodologia de investimento do SNID tem se comprovado, gerando valor ao cotista, através do fechamento dos spreads no mercado secundário e redução do risco de crédito ponderado da carteira, que no início do ano era A+ e hoje já se encontra em AA-, com a manutenção do spread de crédito, mesmo em um mercado spreads reduzidos.

Além disso algumas teses têm melhorado o operacional ou destravando algum evento pontual, e mesmo sem um *upgrade* no *rating* de crédito tiveram seus spreads reduzidos, como é o caso de Braskem, Águas do Rio e Equipav Saneamentos, estas debêntures estão entre as melhores performances do mês e correspondem por uma alocação de 11,5% do fundo, demonstrando que as teses de investimento têm se materializado e gerado retornos acima do mercado.

Agro: entre RJ e chamas

Recentemente o agronegócio brasileiro tem passado por um momento de atenção, após as diversas queimadas ocasionadas no estado de São Paulo e o pedido de recuperação judicial (RJ) da Agrogalaxy. Estes eventos acabaram afetando em maior nível os Fiagros e ações ligadas diretamente ao agronegócio que o os Fi-infras.

Dentro da carteira do SNID temos 4 ativos ligados ao agronegócio, sendo que os emissores sucroalcooleiros (Santa Adélia, Zilor e Ferrari), em contato com os emissores, sinalizaram que houve impactos marginais na produção, variando entre 1% a 2% da produção. Este produto queimado ainda pode ser utilizado para a geração de etanol, desta forma acreditamos que os impactos nas empresas devem ser reduzidos. Portanto continuamos confortáveis com a alocação, principalmente dado que o pico de incêndios foi superado.

As empresas em carteira no geral sofreram menos que as demais empresas paulistas. É esperado que as queimadas afetem cerca de 5% da produção do estado de São Paulo, que é responsável por mais de 50% de toda a produção brasileira. Não vemos o cenário como desastroso para o setor, para comparação, segundo a União da Indústria de Cana-de-Açúcar e Bioenergia (UNICA) é esperada uma perda de 7% da safra 24/25, número inferior aos 10,6% registrados pela CONAB na safra 21/22, então entendemos que as empresas da carteira não devem ter grandes problemas com a situação.

Já a Três Tentos, que é uma competidora direta da Agrogalaxy, deve se favorecer, assim como Mercado Livre e Amazon ganharam share com a RJ das Lojas Americanas, empresas com balanços sólidos e operação saudável devem ganhar mercado com o evento, e a Três Tentos e uma empresa que, segundo entendimento da gestão, poderá ser uma beneficiada.

Mercado de crédito

Em setembro, o mercado de crédito manteve o ritmo de captação dos meses anteriores, tanto para fundos de crédito privado quando para fundos de infraestrutura. Os títulos públicos atrelados a

inflação (NTN-B) sofreram uma abertura nas taxas, onde parte da curva já se encontra com uma taxa acima de 6,5%, uma taxa historicamente muito alta.

Este movimento nas taxas tem corrido mesmo após a queda dos juros americanos no mês, o FED realizou a redução de 0,5% na faixa de juros, que hoje passa a ser de 4,75% - 5,00%. Na contramão o COPOM votou pelo aumento de 0,25% na Selic, fechando em 10,75%. Estes movimentos contrários são justificados pelo momento que vive cada economia, no cenário americano vemos uma inflação contida e um mercado de trabalho menos aquecido, já o cenário brasileiro temos uma economia acelerando, motivada pelos incentivos fiscais do Governo Federal. Desta forma o Banco Central Brasileiro optou pelo incremento da taxa, buscando não perder o controle da inflação que se mantem dentro da banda superior da meta.

Os títulos de renda fixa incentivados tiveram um fechamento nos spreads de crédito em relação a NTN-B, principalmente devido a abertura do título público. Porém mesmo com o fechamento dos spreads, o índice IDA-Infra, índice da ANBIMA que mede o desempenho médio das debêntures incentivadas, teve um retorno negativo de 0,11% no mês.

Equipe de Gestão, SUNO ASSET.

CENÁRIO MACRO

Questões do lado fiscal e monetário fizeram os ativos brasileiros caminharem na contramão dos mercados globais

Em Em setembro, a maioria das bolsas mundiais apresentou uma leve alta, como mostra a tabela abaixo, que abrange o período de 1º a 27 de setembro deste ano. Porém, a bolsa brasileira foi uma das poucas exceções. Apesar de, historicamente, este ser um mês que os mercados ficam no negativo, o início do ciclo de queda das taxas de juros pelo Fed e a tendência de um cenário de controle inflacionário sem gerar recessão nos EUA, acabaram trazendo uma reação positiva dos mercados.

Índices de Mercado

Bolsas					
	Índice	Último	Mês	12 meses	Acum. Ano
	MSCI World	3.695,89	1,49%	29,92%	16,62%
	S&P 500	5.722,26	1,88%	33,90%	19,97%
	NASDAQ	18.082,21	2,01%	38,42%	20,46%
	FTSE 100	8.268,70	-0,71%	8,43%	6,92%
	Euro Stoxx 600	519,14	0,21%	15,96%	8,37%
	Merval	1.744.131,00	9,49%	221,05%	87,60%
	Ibovespa (BRL)	131.586,40	-3,87%	15,23%	-1,94%
	Ibovespa (USD)	24.160,09	-3,13%	5,51%	-11,34%
	IFIX	3.293,73	-2,75%	2,96%	-0,53%

Data: 01/09/2024 até 25/09/2024 / Fonte: Refinitiv / Elaboração: Eleven Financial Research

Cenário externo

O Comitê de Política Monetária dos Estados Unidos, FOMC, reduziu a taxa de juros em 0,5 p.p., pela primeira vez desde 2020, levando-a para o intervalo entre 4,75% a.a. e 5,00% a.a. O corte dos juros já era aguardado por nós e pelo mercado, porém a magnitude maior do que o esperado, o tom do comunicado e as novas projeções dos membros do Comitê trouxeram boas perspectivas.

O FOMC ressaltou a desaceleração do mercado de trabalho, a confiança de que a inflação está se movendo de forma sustentável para a meta de 2,0%, além de julgar que os riscos às metas de emprego e inflação estão praticamente equilibrados.

Além disso, as novas projeções para a economia norte-americana pelos membros do Comitê mostraram que a inflação deve encerrar 2024 bem próximo da meta, o PIB deve crescer cerca de 2,0% neste e nos próximos anos e a taxa de juros pode ter uma queda de 1,5 p.p. até o final de 2025.

Esse quadro mais favorável acabou se refletindo sobre as expectativas de mercado compiladas pelo CME Group, conforme a figura abaixo, que, apesar de ainda estar bastante dividido para a próxima reunião, passou a precificar maior probabilidade de cortes de 0,50 e 0,25 p.p. em novembro e dezembro, respectivamente, além de uma taxa de juros próxima de 3,0% a.a. já no final do ano que vem.

Expectativas de Mercado – CME Group

	CME FEDWATCH TOOL - CONDITIONAL MEETING PROBABILITIES											
MEETING DATE	175-200	200-225	225-250	250-275	275-300	300-325	325-350	350-375	375-400	400-425	425-450	450-475
07/11/2024								0,0%	0,0%	0,0%	50,1%	49,9%
18/12/2024			0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	23,9%	50,0%	26,1%	0,0%
29/01/2025	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	6,7%	31,3%	43,3%	18,7%	0,0%	0,0%
19/03/2025	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,9%	10,2%	32,9%	39,8%	16,1%	0,0%	0,0%	0,0%
07/05/2025	0,0%	0,0%	0,0%	0,7%	8,2%	28,1%	38,4%	21,2%	3,4%	0,0%	0,0%	0,0%
18/06/2025	0,0%	0,0%	0,5%	5,8%	21,8%	35,1%	26,6%	9,1%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%
30/07/2025	0,0%	0,2%	2,3%	11,1%	26,2%	32,3%	20,8%	6,4%	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%
17/09/2025	0,0%	0,7%	4,4%	14,7%	27,6%	29,5%	17,4%	5,1%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%
29/10/2025	0,1%	1,2%	5,9%	16,7%	27,9%	27,7%	15,5%	4,4%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%

Fonte: CME Group

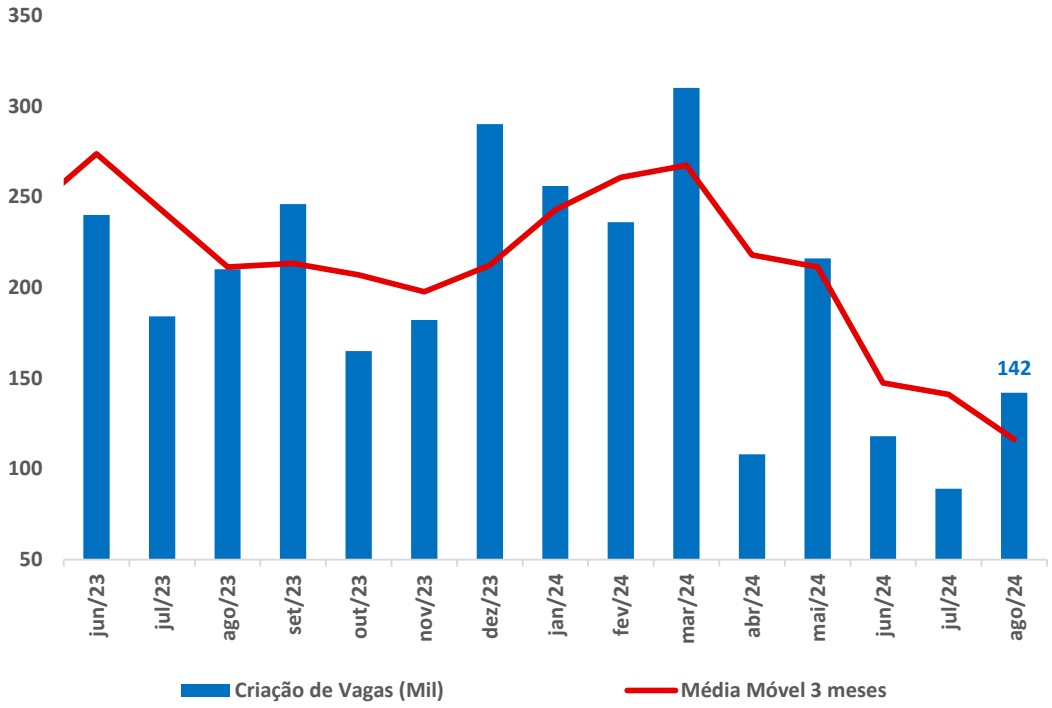
Para o restante do ano, acreditamos numa postura mais cautelosa do Fed, com mais dois cortes de 0,25 p.p., nas reuniões de novembro e dezembro. Contudo, no curto prazo o ritmo de cortes dos juros dependerá, principalmente, dos dados de mercado de trabalho e, caso haja uma deterioração maior do que o esperado, o Comitê poderá realizar um ajuste maior de 0,50 p.p.

Já para 2025-26, a tendência é que as taxas de juros recuem para próximo do nível considerado neutro – que mantém a economia equilibrada –, entre 3,0% a.a. e 3,5% a.a.

Esse movimento dos juros tem sido beneficiado pelo momento mais favorável para o banco central dos EUA, como a desaceleração no mercado de trabalho e as menores pressões inflacionárias.

Em relação ao mercado de trabalho, o último relatório de emprego Payroll mostrou a criação de 142 mil vagas de trabalho não-agrícolas em agosto de 2024, conforme o gráfico abaixo, número inferior às expectativas do mercado, que previam 160 mil. Além disso, os dados de junho e julho foram revisados para baixo, o que se refletiu numa média móvel de 3 meses inferior a 150 mil vagas criadas, abaixo do nível considerado de equilíbrio para o mercado de trabalho.

Criação de vagas e Taxa de desemprego



Fonte: BLS / Elaboração: Suno Research

Outras métricas também indicam um arrefecimento. O relatório Jolts mostrou uma menor abertura de vagas em julho, com a razão entre o número de vagas abertas e o total de desempregados retornando ao nível pré-pandemia, além da queda da taxa de demissão voluntária nos últimos meses.

Em contrapartida, alguns pontos merecem atenção, pois mostram que o mercado de trabalho ainda dá sinais de resiliência, o que deve sustentar o cenário de soft landing da economia: i) a taxa de desemprego registrou uma leve queda, passando de 4,3% para 4,2%; ii) o salário médio por hora trabalhada subiu 0,4% na variação mensal e, nos últimos 12 meses, acelerou de 3,6% para 3,8%; e iii) o número de pedidos de seguro-desemprego diminuiu nas últimas semanas.

Na mesma direção, a inflação tem mantido uma trajetória favorável. Em agosto, o índice de preços ao consumidor (CPI) registrou um crescimento de 0,2% na variação mensal, conforme esperado. No acumulado de 12 meses, a inflação recuou de 2,9% em julho para 2,5% em agosto. O núcleo da inflação apresentou uma alta mensal de 0,3%, ligeiramente acima das expectativas, mas manteve estabilidade na variação anual, em 3,2%.

Na tabela abaixo podemos observar quedas na maioria dos grupos como os preços de bens duráveis, não duráveis e alimentos.

CPI – Desagregado

Acum. 12m	jul/24	ago/24	Variação
Inflação	2,92%	2,50%	▼
Núcleo de Inflação	3,21%	3,20%	▼
Energia	0,96%	-4,01%	▼
Alimentos	2,19%	2,06%	▼
Serviços (menos energia)	4,90%	4,93%	▲
Habitação	5,08%	5,25%	▲
Serviços menos Despesa com Habitação	4,63%	4,31%	▼
Rent of Primary Residence	5,09%	4,97%	▼
OER	5,30%	5,38%	▲
Duráveis	-4,14%	-4,20%	▼
Não Duráveis	1,28%	-0,04%	▼

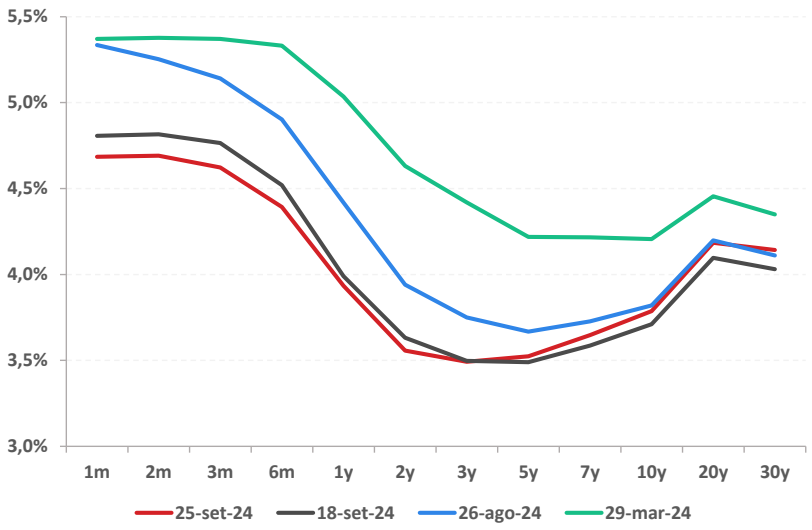
Fonte: BLS / Elaboração: Suno Research

Porém, importante mencionar que os preços dos aluguéis voltaram a subir, retardando uma desaceleração mais acentuada do núcleo da inflação. O subitem OER (Owners' Equivalent Rent), que representa cerca de 27% do total do CPI, passou de 5,3% para 5,4% na variação anual. Além desse ponto negativo, a inflação de serviços se encontra bem acima da meta, próxima de 4,9%. Esses pontos devem trazer maior cautela por parte da autoridade monetária.

De toda forma, os dados mais recentes vêm afastando o risco de recessão e mostram uma economia mais equilibrada, com a inflação convergindo para sua meta de 2,0%, o que tende a reduzir a aversão ao risco dos investidores e impulsionar o fluxo de capital para países emergentes.

Com esse cenário mais favorável, a curva de juros futura dos EUA fechou e manteve a tendência dos últimos meses, principalmente nos vértices mais curtos, como mostrado na figura abaixo. A taxa de juros de 10 anos, um dos principais títulos de referência, continuou sua trajetória de queda. Comparado ao FOMC de julho, a taxa caiu de 3,98% a.a. para 3,78% a.a., uma redução de 20 pontos-base (bps).

EUA - Curva de Juros Futura (% a.a.)



Até dia 25/09/204 / Fonte: Refinitiv / Elaboração: Suno Research

Ainda no cenário internacional, outro tema que tem trazido bastante incerteza é a falta de perspectivas para o crescimento de curto e médio prazo da China e os impactos disso sobre a economia global e os mercados de commodities.

O gigante asiático vem passando por um dos momentos mais desafiadores desde a reabertura da sua economia no final de 2022. A crise no setor imobiliário e o baixo consumo das famílias continuam diminuindo as perspectivas de crescimento. Além disso, os dados mais recentes de atividade e inflação mostram uma economia debilitada e com dificuldades em ganhar tração.

Por conta disso, o governo chinês apresentou um superpacote de estímulos, com foco no corte das taxas de juros e melhores condições de crédito para o setor imobiliário, a fim de reativar a economia e atingir a meta de crescimento de 5%.

Essas medidas podem até trazer um fôlego de curto prazo, mas não resolvem os problemas estruturais, já que ainda faltam políticas mais efetivas pelo lado da demanda. Neste sentido, a tendência de menor expansão chinesa neste e nos próximos anos deverá ter efeitos negativos sobre o crescimento global e sobre a demanda por commodities, em especial o minério de ferro e o petróleo.

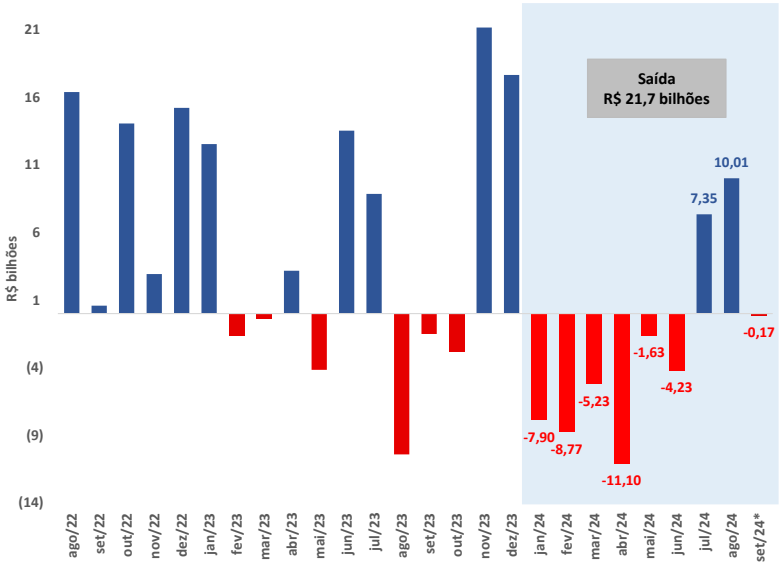
Brasil

No cenário doméstico, tivemos movimentos opostos do dólar e dos índices no mês de setembro. Enquanto o real apresentou uma valorização de 3,8%, o Ibovespa e o IFIX registraram quedas de 3,9% e 2,8%, respectivamente – dados até o dia 25/09.

No caso da taxa de câmbio, o início do ciclo de queda da taxa de juros nos EUA ajudou a destravar um maior fluxo de capitais para emergentes e aumentou a propensão a risco dos investidores. Além disso, o maior diferencial de juros entre o Brasil e o EUA tende a valorizar do real nos próximos meses.

No caso dos mercados acionários, o principal motivo para a piora no seu desempenho foi o cenário doméstico, em especial as incertezas sobre o ciclo de alta dos juros pelo banco central e o aumento do risco fiscal. Com isso, tivemos uma saída de capital estrangeiro da bolsa. Até o dia 25/09, houve uma retirada de R$ 170 milhões, revertendo dois meses consecutivos de alta, conforme mostrado na figura abaixo.

Fluxo de Estrangeiro na Bolsa (R$ Bilhões)



Fonte: B3 / Elaboração: Suno Research

Em relação a política monetária, na última reunião, o Copom subiu a taxa Selic em 0,25 p.p., em linha com as nossas expectativas. O comunicado, em nossa visão, veio no tom correto, pois apresentou de forma clara todos os pontos relevantes que podem dificultar a convergência da inflação para a meta e demandam uma postura mais contracionista da política monetária.

Neste sentido, a autoridade monetária apontou os principais pontos que indicam uma piora no cenário doméstico e que levaram a uma assimetria altista no seu balanço de riscos:

- **Resiliência da atividade:** o PIB do Brasil registrou alta de 1,4% no segundo trimestre de 2024, na série com ajustes sazonais, acima das nossas expectativas e do consenso de mercado. Na comparação anual, o PIB cresceu 3,3% e no acumulado do ano teve um avanço de 2,9%. **Diante desse cenário, elevamos nossa projeção de 2,1% para 3,1% este ano.**

Em geral, a combinação de um mercado de trabalho aquecido, condições de crédito mais favoráveis e o impulso fiscal explicam a expansão mais forte da economia no primeiro semestre de 2024. Contudo, esse cenário deve sofrer algumas modificações na segunda parte do ano.

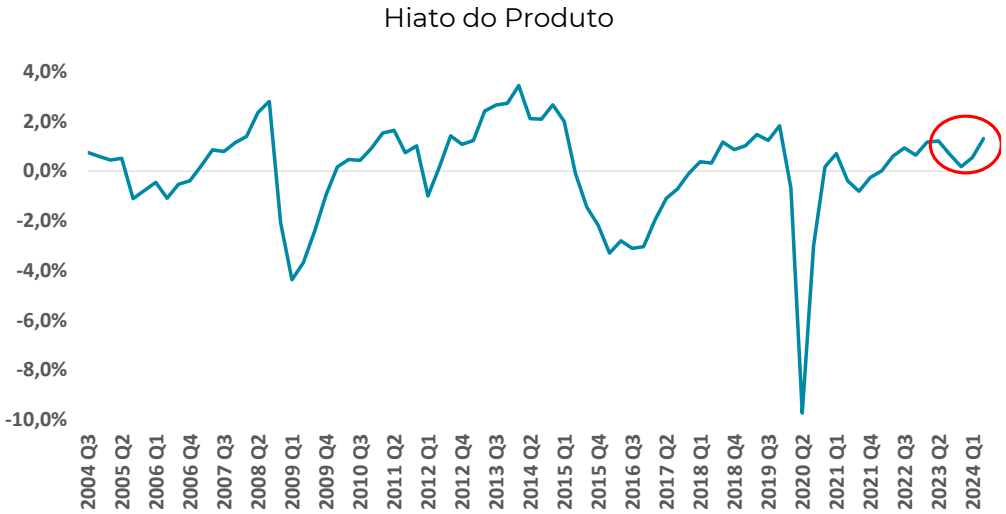
Para os próximos trimestres, esperamos uma desaceleração no crescimento, em função dos riscos em torno da política monetária e uma política fiscal menos expansionista, além de uma base de comparação elevada. Contudo, ainda devemos ter algum impulso por conta do mercado de trabalho aquecido.

- **Pressões no mercado de trabalho:** a taxa de desemprego (6,8%) nas mínimas históricas, a criação de quase 1,5 milhão de vagas formais, o crescimento dos rendimentos dos

trabalhadores e da massa salarial tem proporcionado um cenário de forte impulso sobre o consumo, o que tende a pressionar os preços, em especial serviços.

- **Hiato do produto positivo:** o hiato do produto, uma medida que se refere à diferença percentual entre os níveis do PIB efetivo e o potencial, tem sido bastante acompanhado pelo banco central para saber se a atividade econômica está impactando os preços.

Na figura abaixo, estimamos o hiato do produto e podemos observar que desde o ano passado ele está positivo, ou seja, o crescimento de curto prazo está acima da sua tendência de médio e longo prazo. Portanto, esse cenário mostra a economia expandindo acima da sua capacidade e pode gerar pressões inflacionárias, se tornando mais um componente de risco altista para os preços.



Elaboração: Suno Research

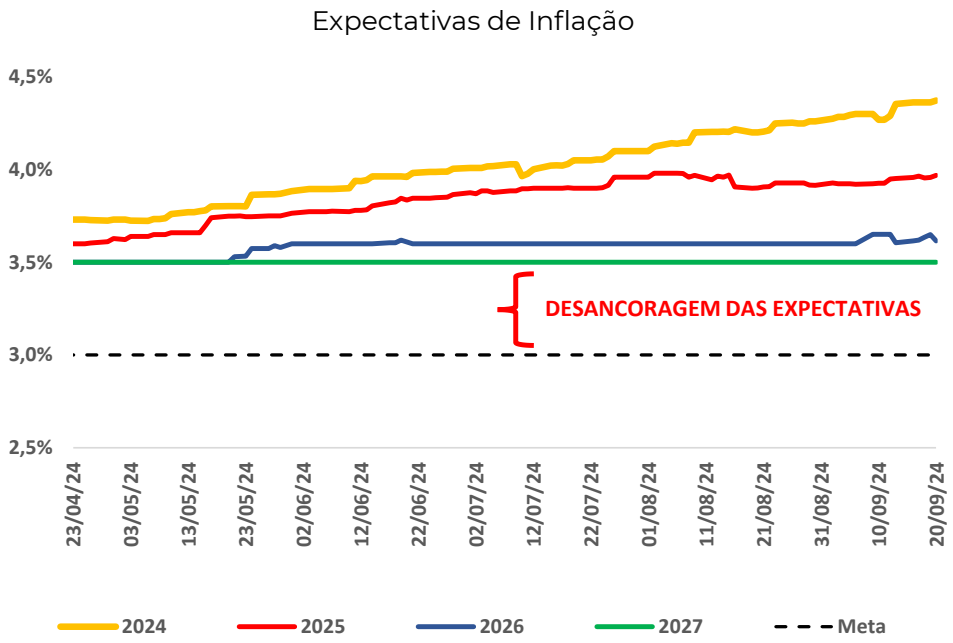
- **Elevação das projeções de inflação:** atualmente, há alguns riscos altistas para a inflação brasileira. Neste sentido, nos próximos meses, alguns fatores devem voltar a pressionar a inflação, como os preços dos bens industriais, que podem sofrer uma leve alta devido à recente desvalorização cambial, e o aumento dos preços de energia após a implementação da bandeira vermelha 1 em setembro, em meio à deterioração do quadro hidrológico dos reservatórios.

Além disso, as queimadas observadas em todo o país podem pressionar os preços dos alimentos, não apenas os in natura, mas também os custos na cadeia agropecuária.

Portanto, apesar da deflação do IPCA em agosto e o IPCA-15 de setembro abaixo do esperado, a expectativa é de que a inflação termine este ano próxima do limite superior da meta estipulada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), de 4,50%.

- **Expectativas desancoradas**: as expectativas de inflação observadas no Boletim Focus continuam desancoradas e este tem sido um dos principais problemas mencionados pelo Copom.

No documento, os analistas esperam que a inflação encerre este ano em 4,37%, em 3,97% no próximo, 3,62% em 2026 e, 3,50%, em 2027 – todos acima da meta, como mostrado na figura a seguir. No horizonte relevante do Copom, que passou a contemplar o 1º trimestre de 2026, as expectativas permanecem desancoradas e não dão sinais de reversão.



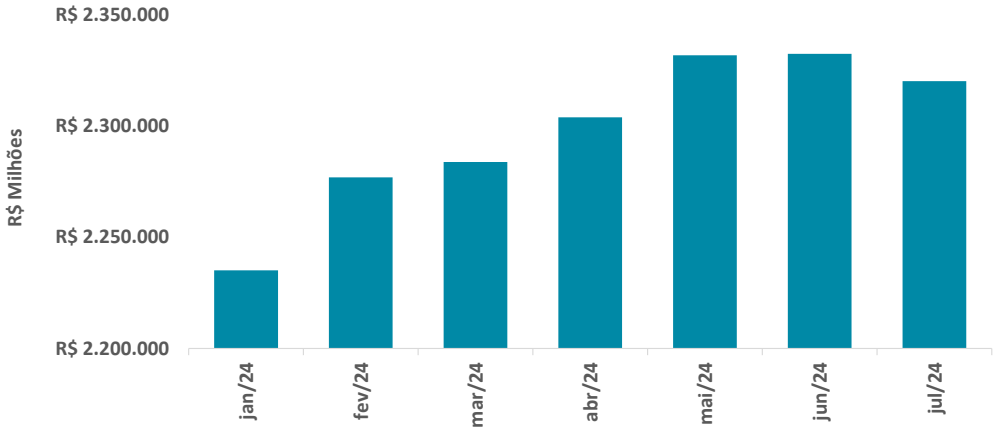
Fonte: Banco Central / Elaboração: Suno Research

Portanto, em nosso cenário base, esperamos um ciclo mais longo e gradual com altas de 0,25 p.p. até o fim do 1T25, levando a Selic para 11,25% a.a. em 2024 e 11,75% a.a. em 2025. Contudo, dado que as projeções de inflação do BC ainda estão em 3,5% no horizonte relevante, as chances do Comitê acelerar o ritmo de alta dos juros para 0,50 p.p. nas próximas reuniões aumentaram consideravelmente.

Vale ressaltar, que ainda existem dúvidas no mercado sobre qual será a magnitude deste miniciclo de alta dos juros, o que tem aumentado as incertezas sobre até onde poderá chegar a Selic. Esse ponto tem elevado a curva de juros futuros e aumentado a volatilidade dos mercados.

Em relação a parte fiscal, a arrecadação federal avançou 12% no mês de agosto e cresceu 9,5% no acumulado do ano. Além disso, os gastos do governo começaram a dar sinais iniciais de desaceleração, conforme a figura abaixo, tendência que deve se manter até o final de 2024.

Evolução das Despesas do Governo – Acum. 12 meses



Fonte: Tesouro Nacional / Elaboração: Suno Research

Esse cenário de crescimento da arrecadação, combinado com o menor impulso fiscal no segundo semestre, o bloqueio e o contingenciamento do orçamento, devem levar o governo a alcançar o limite inferior da meta, ou seja, um déficit de R$ 28,8 bilhões (0,25% do PIB).

Contudo, mesmo com uma ligeira melhora do cenário fiscal de curto prazo, existe uma forte desconfiança com a política fiscal do governo, já que ainda permanecem diversas incertezas, principalmente no médio e longo prazo.

No dia 20/09 foi divulgado o relatório Bimestral de Receitas e Despesas do governo e algumas ações do governo para equilibrar o orçamento trouxeram alguns ruídos e vieram bem abaixo da expectativa do mercado, o que acabou aumentando a percepção de risco fiscal.

Isso, porque o contingenciamento, medida adotada quando as receitas estão abaixo do previsto, foi reduzido de R$ 3,8 bilhões para zero. Além disso, o bloqueio dos gastos, quando as despesas aumentam acima das projeções, foi acrescido de R$ 1,7 bilhão. Dessa forma, a contenção total de gastos foi reduzida de R$ 15 bilhões para R$ 13,3 bilhões.

Essas medidas sinalizaram que houve uma redução no esforço fiscal quando comparado ao relatório anunciado em julho, em meio a um quadro marcado por um déficit primário que permanece elevado, aumento dos créditos extraordinários e um crescimento da dívida pública.

Outra questão do lado fiscal que elevou a percepção de risco foi o Orçamento de 2025. Em termos gerais, o projeto mostrou que será mais um ano desafiador, pois continua dependente de um aumento de quase R$ 170 bilhões de arrecadação, como CSLL e JCP que dificilmente serão aprovados pelo Congresso, e um foco muito baixo no corte de despesas, em especial de medidas estruturais.

Portanto, apesar do discurso de responsabilidade fiscal e das medidas de bloqueio para cumprir a meta estipulada para 2024, as incertezas sobre como o governo irá equilibrar o orçamento nos próximos anos, a falta de um plano mais robusto de corte de gastos estruturais e a tendência de alta da dívida pública no médio e longo prazo têm gerado desconfiança e piorado as perspectivas quanto a sustentabilidade fiscal.

Em suma, observamos que setembro trouxe sentimentos ambíguos, já que, por um lado, o cenário externo manteve a tendência de melhora, mas questões domésticas colocaram os índices brasileiros na contramão dos mercados internacionais. Nos próximos meses, o mercado de trabalho nos EUA, as eleições norte-americanas, as contas públicas brasileiras e a trajetória da Selic serão os principais temas monitorados pelos mercados.

Por fim, segue abaixo a tabela das nossas projeções, que tiveram mudanças importantes em comparação com a última carta, com a revisão para cima tanto do PIB quanto da inflação para 2024.

Projeções Suno

Cenário Base	2023	2024	2025
PIB (var % a.a. real em volume)	2,9%	3,1%	1,8%
IPCA (%, a/a, fim de período)	4,62%	4,5%	4,0%
Taxa Selic (%, fim de período)	11,75%	11,25%	11,75%
Taxa de Câmbio (R$/US$, fim de período)	4,85	5,30	5,25
Resultado Primário do Governo Central (% PIB)	-2,3%	-0,25%	-0,40%
Resultado Primário do Governo Central (% PIB)	-2,3%	-0,7%	-0,8%
Dívida Bruta - DBGG (% PIB)	74,3%	77,7%	81,1%
Balança comercial (US$ bilhões)	98,8	81,7	72,4

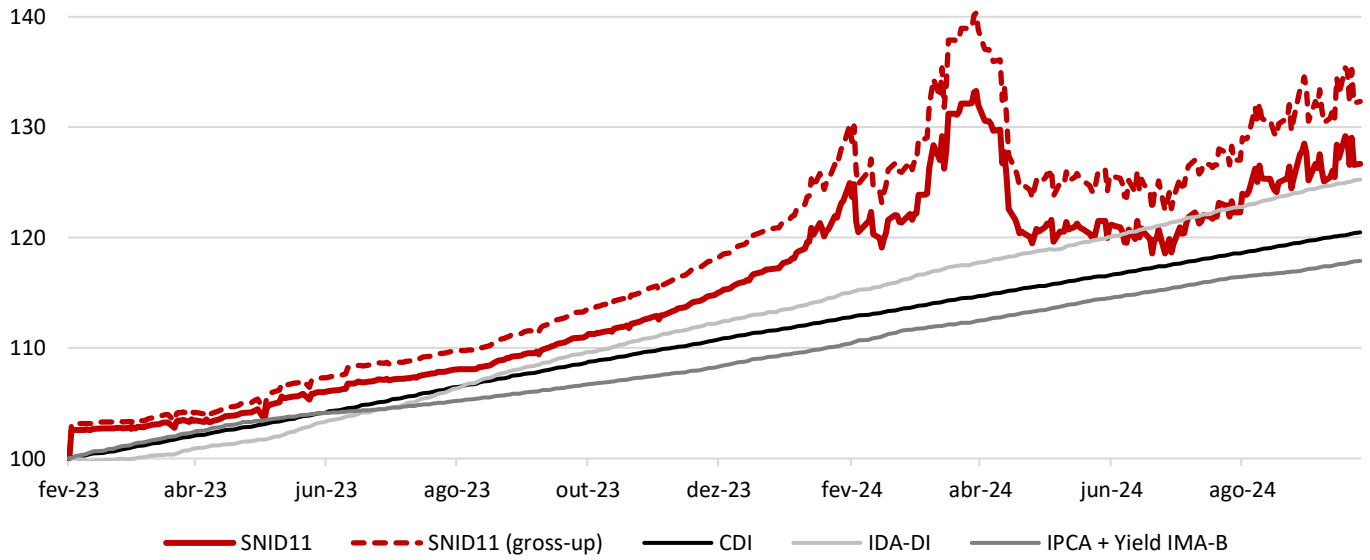
Fonte: IBGE, Banco Central e ComexStat / Elaboração: Eleven Research

- **Gustavo Sung, Economista-chefe da Suno.**

PERFORMANCE/DESEMPENHO

(RENTABILIDADE, Nº COTISTAS, ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE, CARREGO)

Rentabilidade SNID11 vs Benchmarks



Elaboração: Suno Asset e Quantum

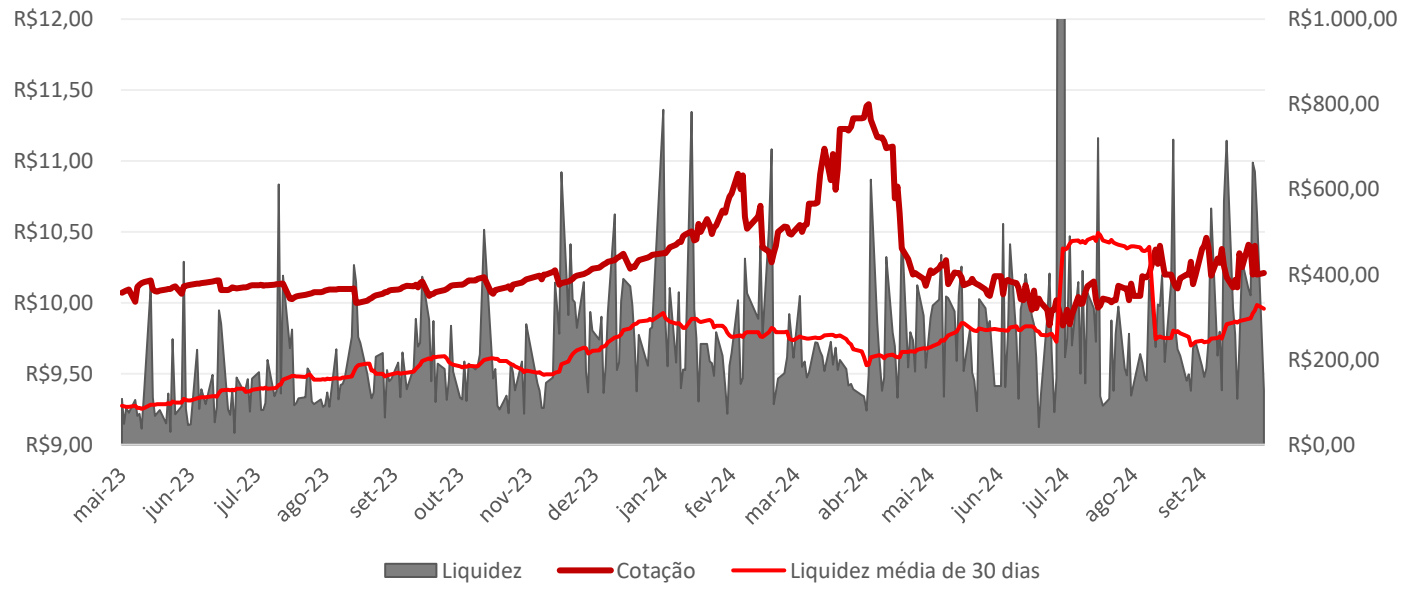
Desde o seu início, o SNID11 teve um retorno total, considerando o reinvestimento dos rendimentos, de **26,7%**, quando considerado o efeito do gross-up esse retorno significa uma rentabilidade de **32,4%** de um produto tributado, sendo superior ao CDI (20,5%), IPCA + yield IMA-B (17,9%) e IDA-DI (25,3%).

Tabela de sensibilidade

	Cota de referência	Carrego
	R$ 10,11	2,54%
	R$ 10,13	2,50%
	R$ 10,15	2,46%
	R$ 10,17	2,41%
	R$ 10,19	2,37%
Mercado	R$ 10,21	2,33%
Patrimonial	R$ 10,23	2,29%
	R$ 10,25	2,25%
	R$ 10,27	2,20%
	R$ 10,29	2,16%
	R$ 10,31	2,12%
	R$ 10,33	2,08%
	R$ 10,35	2,04%
	R$ 10,37	1,99%
	R$ 10,39	1,95%

Elaboração: Suno Asset

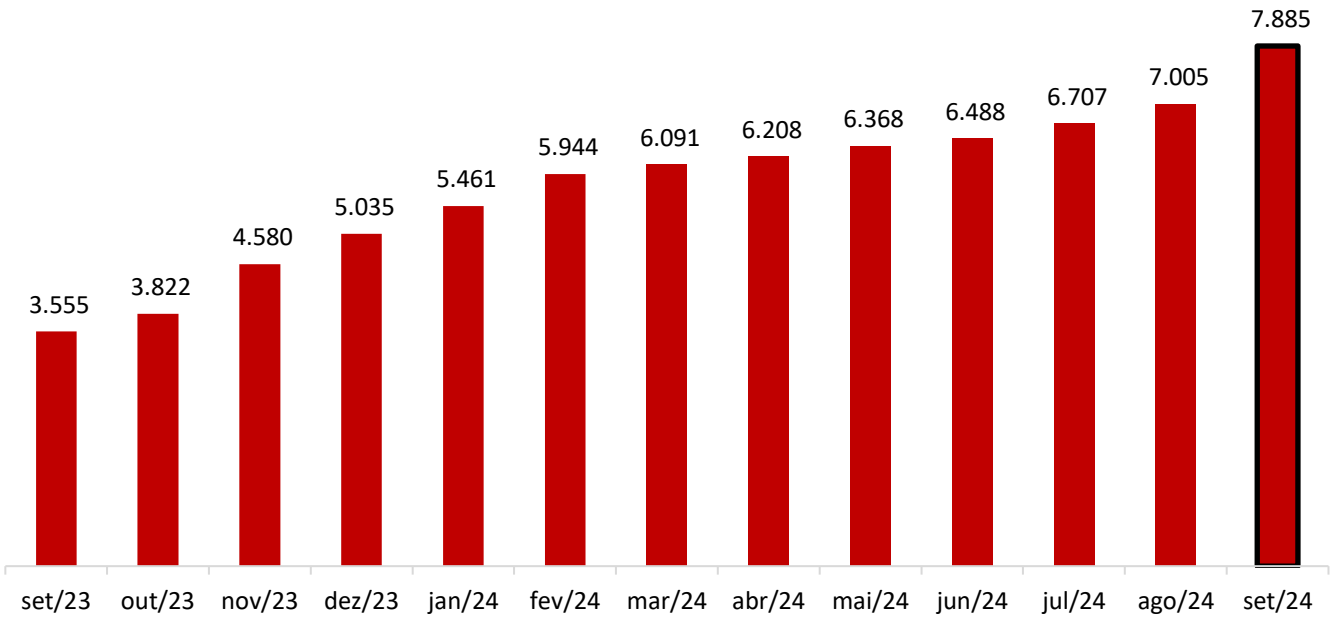
Cotação e liquidez



Elaboração: Suno Asset e Quantum

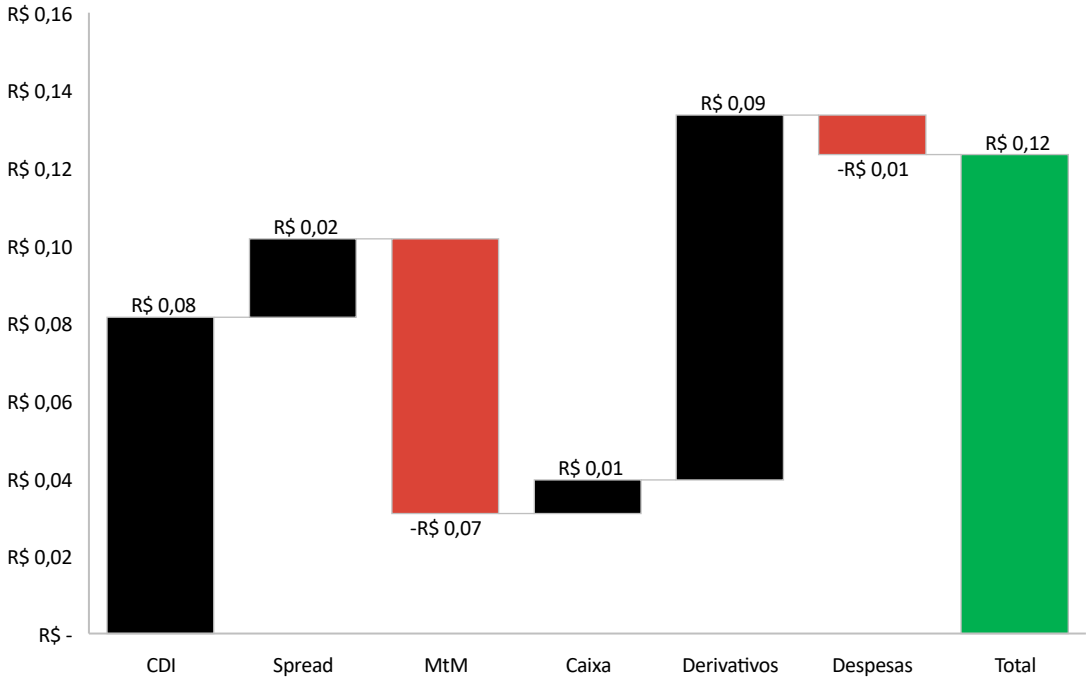
No mês de setembro o SNID teve o segundo maior volume de negociação em um mês, registrando um **volume financeiro de R$ 7,25 mi**, uma **média diária de negociação de R$ 345 mil**, demonstrando que além de ter tido um crescimento significativo no número de cotistas o fundo tem aumentado a sua liquidez.

Evolução do número de cotistas



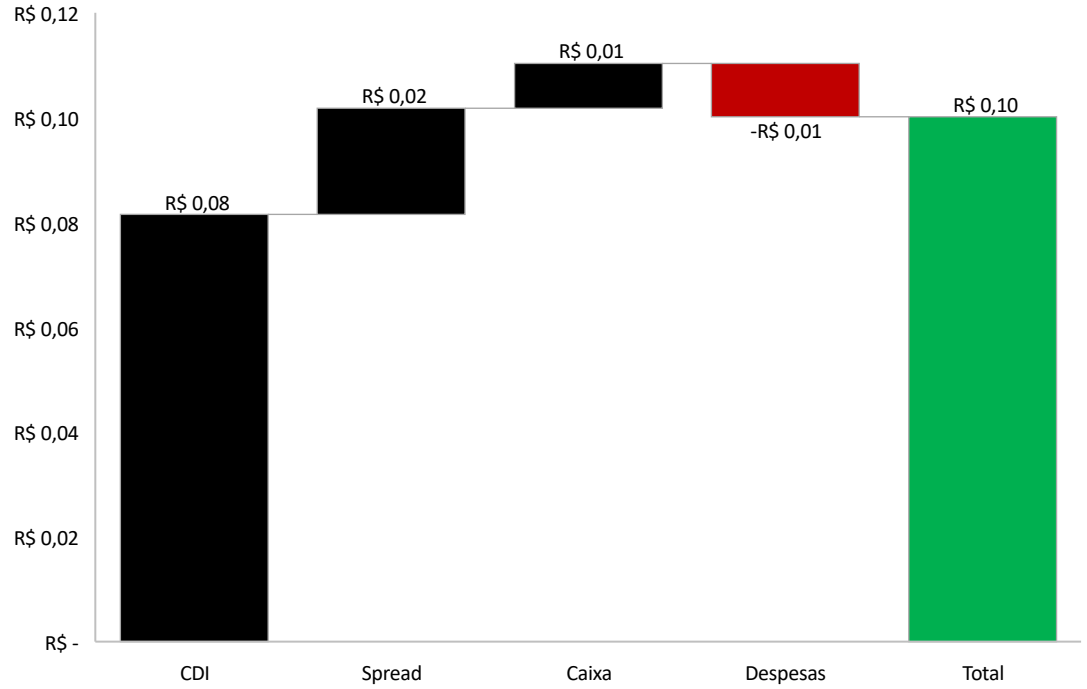
Elaboração: Suno Asset

Atribuição de performance - com marcação e derivativos



Elaboração: Suno Asset.

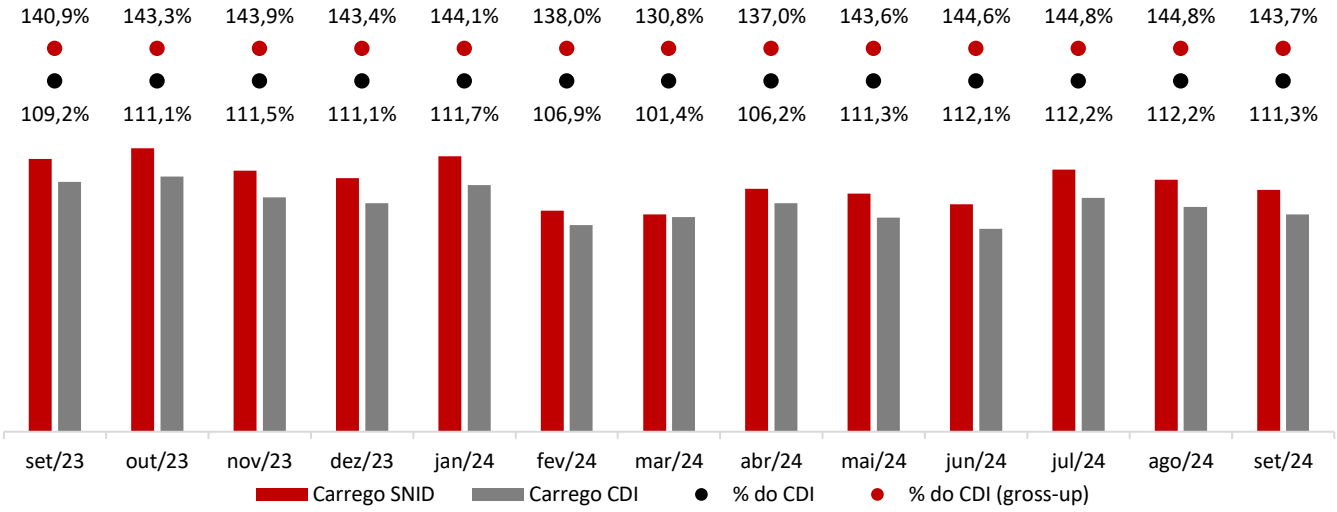
Atribuição de performance - sem marcação e derivativos



Elaboração: Suno Asset.

O componente CDI terminou em 10,65% ao longo do período, contribuindo com R$ 0,082 por cota no período. O componente spread da carteira de crédito, em 2,29% no fechamento do período, atribuiu R$ 0,020 por cota. O caixa do fundo, por sua vez, contribuiu com R$ 0,009 por cota, uma vez que hoje representa 7,9% do patrimônio do fundo. A marcação a mercado dos papeis em carteira contribuiu negativamente com R$ 0,071 por cota, em decorrência da abertura das taxas indicativas no mercado secundário. Os derivativos, que são os instrumentos utilizados para realizar o swap do indexador das debêntures incentivadas para o CDI, atribuíram positivamente R$ 0,094 por cota, em decorrência da abertura das taxas das NTN-Bs no período. Os custos e despesas detraíram R$ 0,010 por cota do resultado no mês, em linha à média histórica.

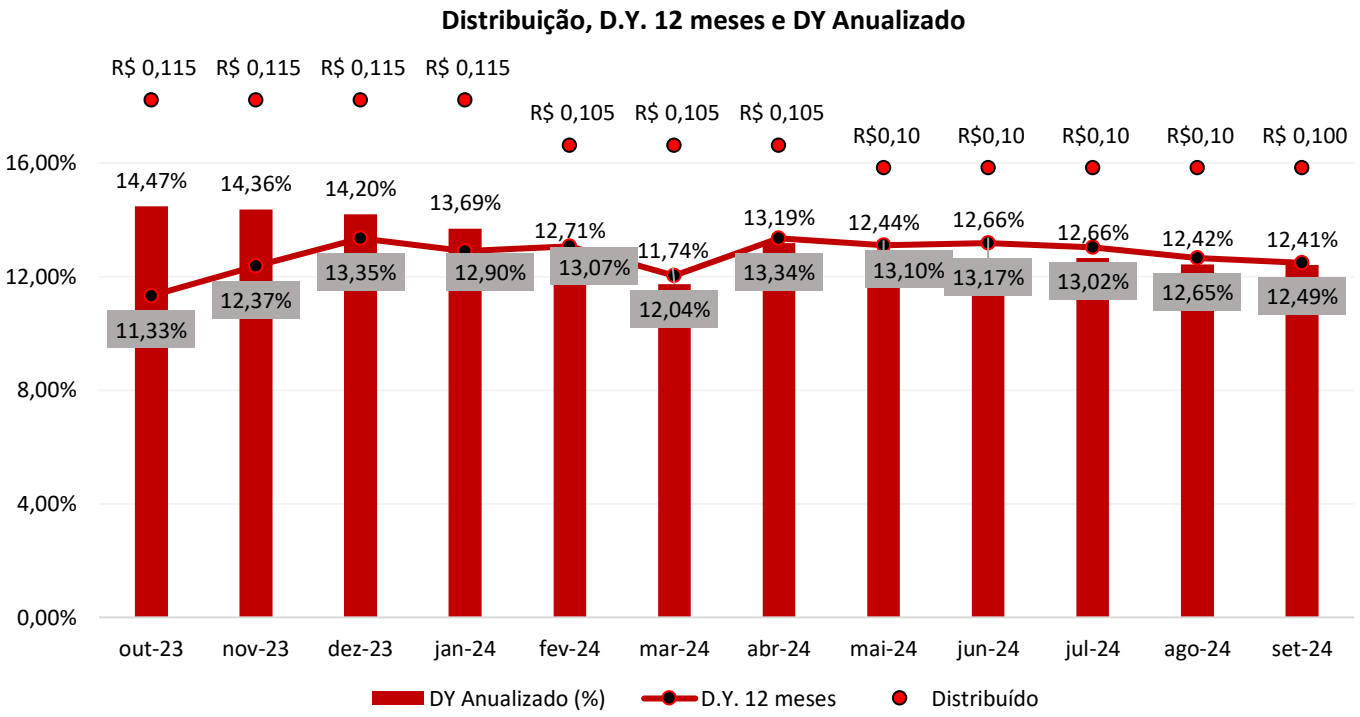
Carrego mensal



Elaboração: Suno Asset.

No mês de setembro, o fundo gerou de carrego o equivalente a **111,3% do CDI**, se mantendo nos maiores níveis de entrega relativa ao CDI do fundo, equivalente a um retorno de **143,7% do CDI** ou **CDI+4,4%**, quando considerado o gross-up, de forma líquida para o cotista. Para os próximos meses esperamos manter a rentabilidade relativa nesses patamares, mesmo com o incremento da Selic.

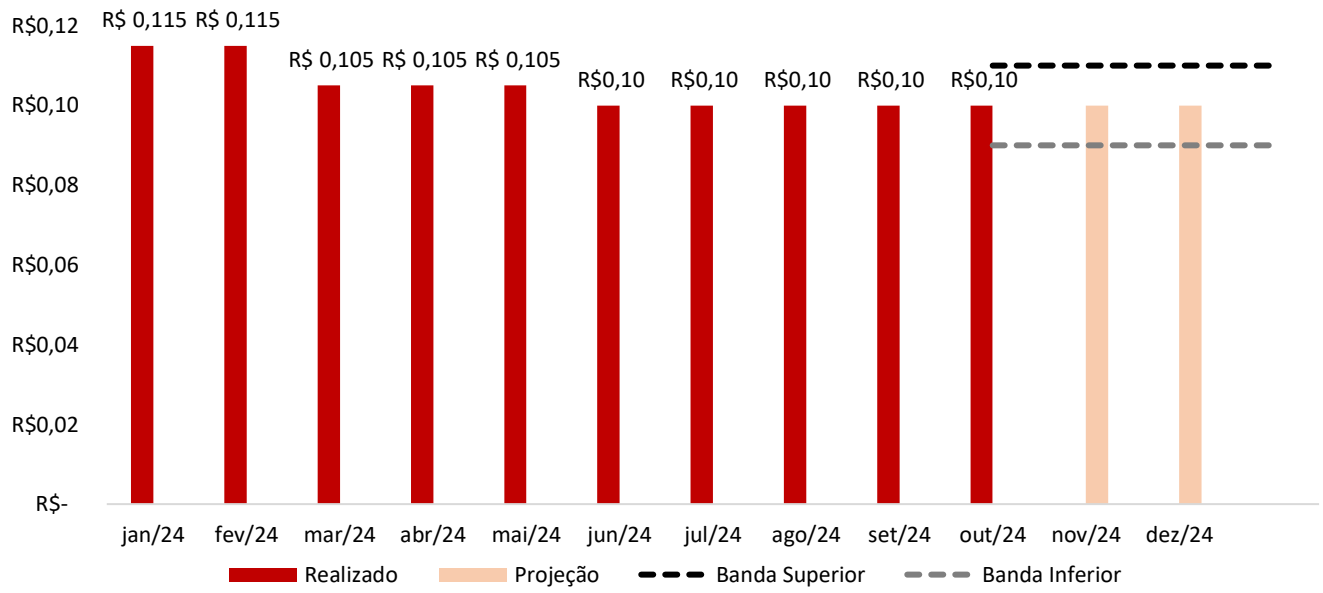
Rendimentos



Elaboração: Suno Asset.

No mês de outubro, o fundo distribuirá **R$ 0,10**, resultando em uma distribuição anualizada de 12,4%. Nos últimos 12 meses o fundo distribuiu 12,5%, tendo como base a cota a mercado. Em relação a cota patrimonial, a distribuição dos últimos 12 meses foi de 12,5%.

GUIDANCE



Visando melhorar a comunicação com os nossos cotistas e fornecer maior transparência quanto aos resultados esperados, passaremos a dar *guidance* de rendimentos, que se refere a **projeção de R$ 0,10**, em linha com o realizado nesse mês e nos meses. Além disso sinalizamos bandas superior e inferior, dado que o SNID é um produto indexado ao CDI, que pode sofrer alterações devido a mudanças na taxa Selic. Atualmente as **bandas** se encontram **entre R$ 0,09 e R$ 0,11.**

CARTEIRA

R$ 73,68 M
Patrimônio Líquido do Fundo

37
Número de ativos na carteira

31
Número de emissores

CDI+2,49% | 5,1 | R$ 67,9 M
Taxa média das debêntures da carteira | Duration | Posição Financeira

CDI+ 2,27% | 5,7 | R$ 52,3 M
Taxa média das debêntures incentivadas da carteira | Duration | Posição Financeira

CDI + 3,22% | 3,0 | R$ 15,6 M
Taxa média das debêntures normais da carteira | Duration | Posição Financeira

Não há (-% do PL)
Volume em operações compromissadas

-%
Custo médio ponderado das compromissadas

AA-
Rating ponderado da carteira

80,9%
Alocação em alto grau de crédito (AAA e A+)

R$ 5,8 M (7,9% do PL)
Caixa no Fechamento

24,9% | 42,2%
Concentração 5 maiores | 10 maiores

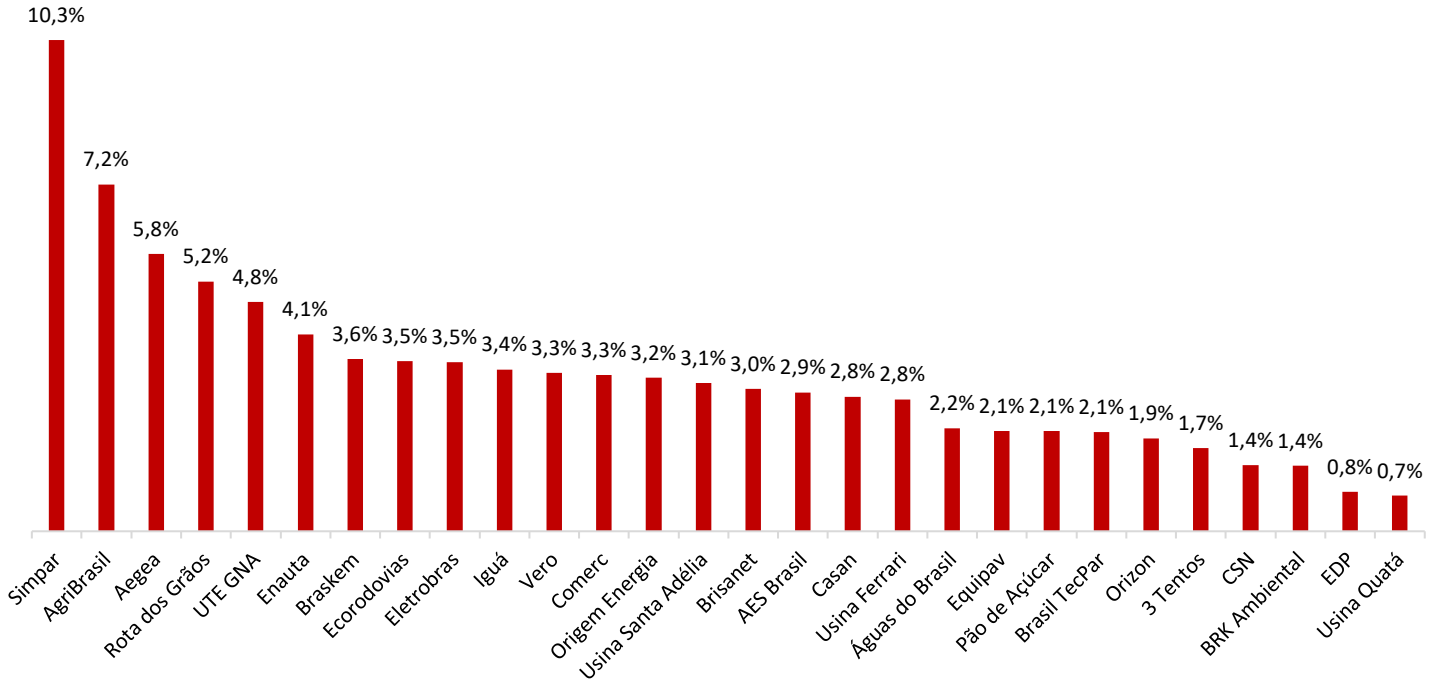
CARTEIRA DE DEBÊNTURES

Ativo	Emissor	Controladora	Setor	Tipo	Rating	Spread	Duration	Financeiro (mil)	% do PL
CJEN13	Tesc	AgriBrasil	Portos	Incentivada	A+	2,62%	4,9	R$ 5.334	7,2%
RGRA11	Rota dos Grãos	Rota dos Grãos	Rodovias	Incentivada	A+	2,63%	7,4	R$ 3.838	5,2%
UNEG11	UTE GNA I	UTE GNA	Energía Elétrica	Incentivada	A	2,83%	7,4	R$ 3.522	4,8%
ENAT33	Enauta	Enauta	Óleo e Gás	Incentivada	AA	1,76%	6,2	R$ 3.030	4,1%
BRKMA8	Braskem	Braskem	Petroquímico	Normal	AAA	3,79%	3,6	R$ 2.652	3,6%
HARG11	Holding do Araguaia	Ecorodovias	Rodovias	Incentivada	AAA	2,37%	5,7	R$ 2.613	3,5%
NTEN11	Norte Energia	Eletrobras	Energía Elétrica	Incentivada	A	2,19%	2,6	R$ 2.600	3,5%
RISP24	Águas do Rio	Aegea	Saneamento	Incentivada	AA+	1,77%	9,0	R$ 2.562	3,5%
IRJS14	Iguá Rio	Iguá	Saneamento	Incentivada	AAA	1,53%	8,5	R$ 2.489	3,4%
JSLGA5	JSL	Simpar	Logístico	Normal	AA+	2,30%	2,4	R$ 2.473	3,4%
VERO13	Vero	Vero	Telecom	Incentivada	A+	2,57%	4,4	R$ 2.434	3,3%
HVSP11	Helio Valgas	Comerc	Energía Elétrica	Incentivada	AA-	2,25%	5,7	R$ 2.403	3,3%

ORIG21	Origem Energia	Origem Energia	Óleo e Gás	Incentivada	A	2,20%	5,1	R$ 2.361	3,2%
USAS11	Usina Santa Adélia	Usina Santa Adélia	Sucroenergético	Incentivada	AA-	2,50%	1,9	R$ 2.279	3,1%
BRST11	Brisanet	Brisanet	Telecom	Incentivada	AA-	2,88%	1,8	R$ 2.186	3,0%
TCII11	AES Tucano	AES Brasil	Energía Elétrica	Incentivada	AA-	1,96%	6,7	R$ 2.133	2,9%
CASN23	Casan	Casan	Saneamento	Incentivada	BBB+	3,47%	4,0	R$ 2.070	2,8%
FRAG14	Usina Ferrari	Usina Ferrari	Sucroenergético	Incentivada	A+	1,14%	5,1	R$ 2.027	2,8%
SABP12	Rio+	Águas do Brasil	Saneamento	Incentivada	AAA	1,39%	8,6	R$ 1.585	2,2%
AEGE16	Equipav Saneamento	Equipav	Saneamento	Normal	-	3,63%	4,5	R$ 1.544	2,1%
CBRDA8	Pão de Açúcar	Pão de Açúcar	Varejo	Normal	AA	5,99%	1,0	R$ 1.540	2,1%
VAMO24	Vamos	Simpar	Locação de Veículos	Normal	AA+	2,65%	3,9	R$ 1.538	2,1%
TEPA12	Brasil TecPar	Brasil TecPar	Telecom	Incentivada	A+	3,90%	6,0	R$ 1.522	2,1%
HZTC24	Orizon Resíduos	Orizon	Gestão de Resíduos	Normal	AA+	2,73%	3,4	R$ 1.429	1,9%
TRES11	3 Tentos	3 Tentos	Agroindústria	Normal	AA-	2,10%	3,3	R$ 1.281	1,7%
CCLS11	Ciclus Ambiental	Simpar	Gestão de Resíduos	Incentivada	AA+	1,05%	5,1	R$ 1.177	1,6%
VAMO13	Vamos	Simpar	Locação de Veículos	Normal	AA+	2,41%	2,9	R$ 1.113	1,5%
CSNAA2	CSN	CSN	Materiais Básicos	Normal	AA+	3,49%	2,2	R$ 1.018	1,4%
BRKP28	BRK Ambiental	BRK Ambiental	Saneamento	Incentivada	A+	1,28%	6,5	R$ 1.007	1,4%
RIS424	Águas do Rio	Aegea	Saneamento	Incentivada	AA+	1,77%	9,0	R$ 938	1,3%
ESAM14	São Manoel	EDP	Energía Elétrica	Incentivada	AA	1,96%	3,9	R$ 609	0,8%
QUAT13	Usina Quatá	Usina Quatá	Sucroenergético	Incentivada	A	2,9%	4,6	R$ 548	0,7%
MVLV19	Movida	Simpar	Locação de Veículos	Normal	AA+	2,7%	1,7	R$ 533	0,7%
RISP12	Águas do Rio	Aegea	Saneamento	Incentivada	AA+	1,6%	5,4	R$ 482	0,7%
MOVI34	Movida	Simpar	Locação de Veículos	Normal	AA+	2,6%	1,6	R$ 458	0,6%
RIS412	Águas do Rio	Aegea	Saneamento	Incentivada	AA+	1,6%	5,4	R$ 283	0,4%
CCLS21	Ciclus Ambiental	Simpar	Gestão de Resíduos	Incentivada	AA+	1,1%	5,6	R$ 260	0,4%
CAIXA	Caixa			Caixa	Caixa	0,0%	0,0	R$ 5.796	7,9%
TOTAL						**2,29%**	**4,7**	**R$ 73.663**	**100,0%**

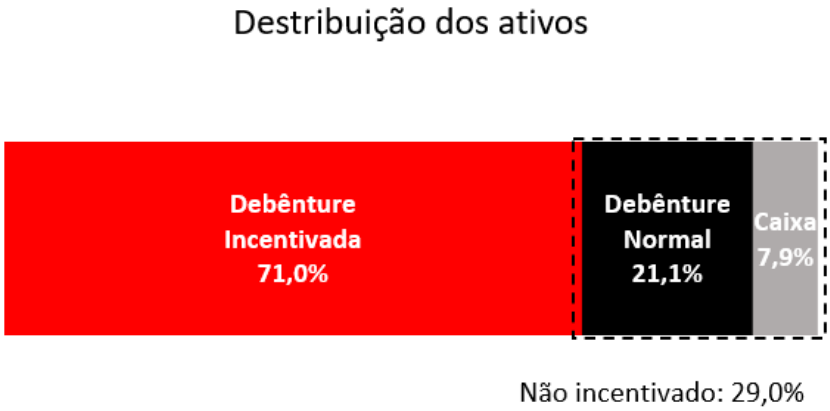
ALOCAÇÕES

Exposição por controlador



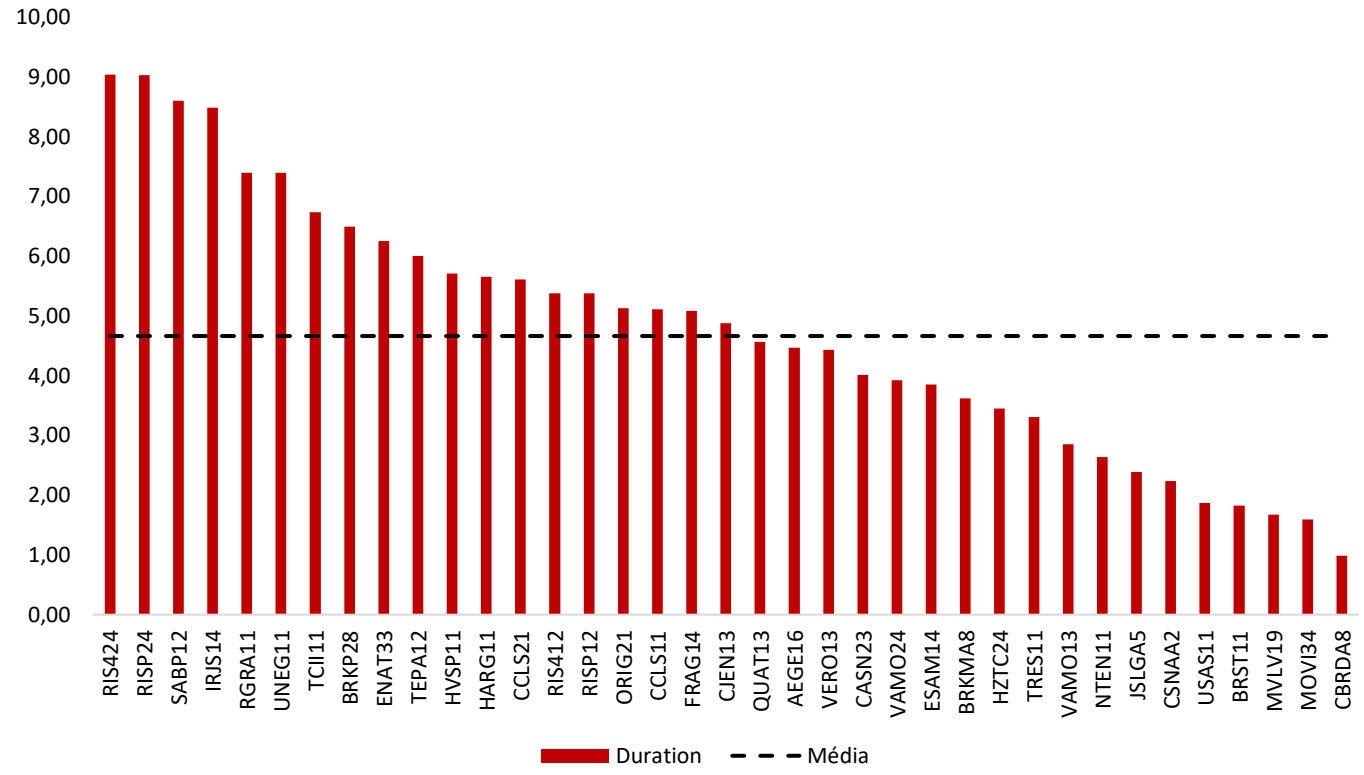
Elaboração: Suno Asset.

Exposição por tipo de ativo



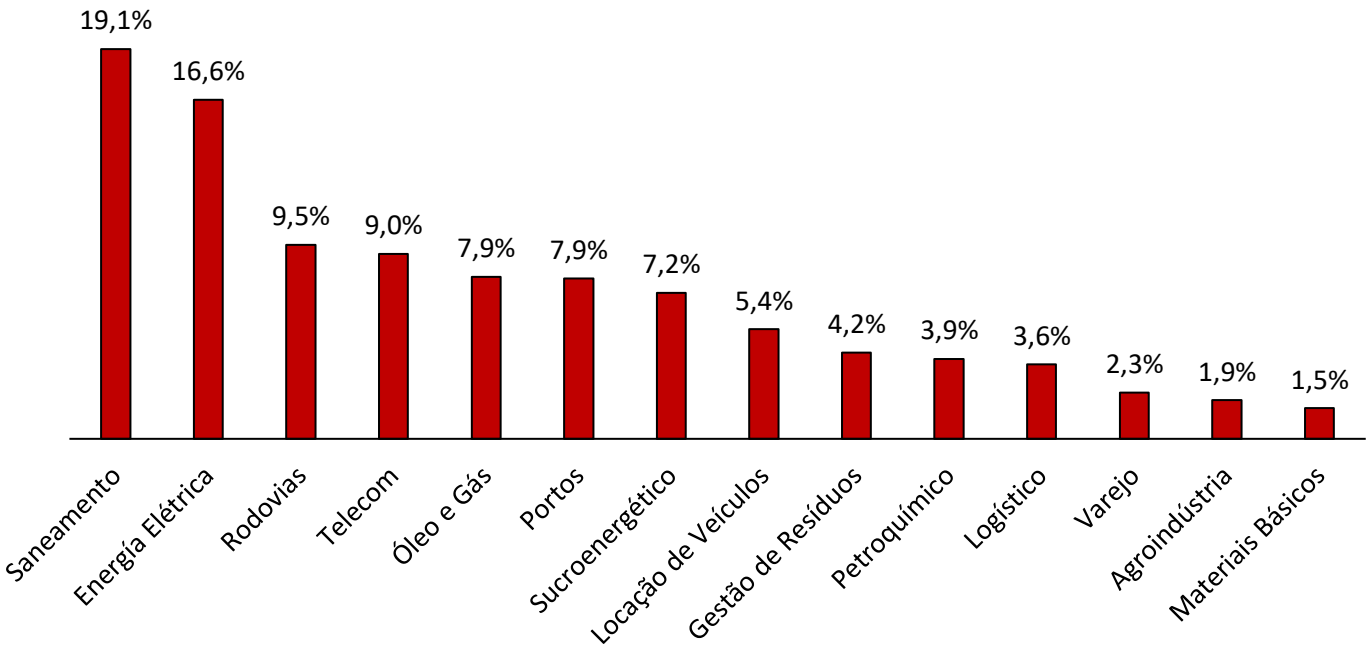
Elaboração: Suno Asset.

Duration dos ativos e da carteira



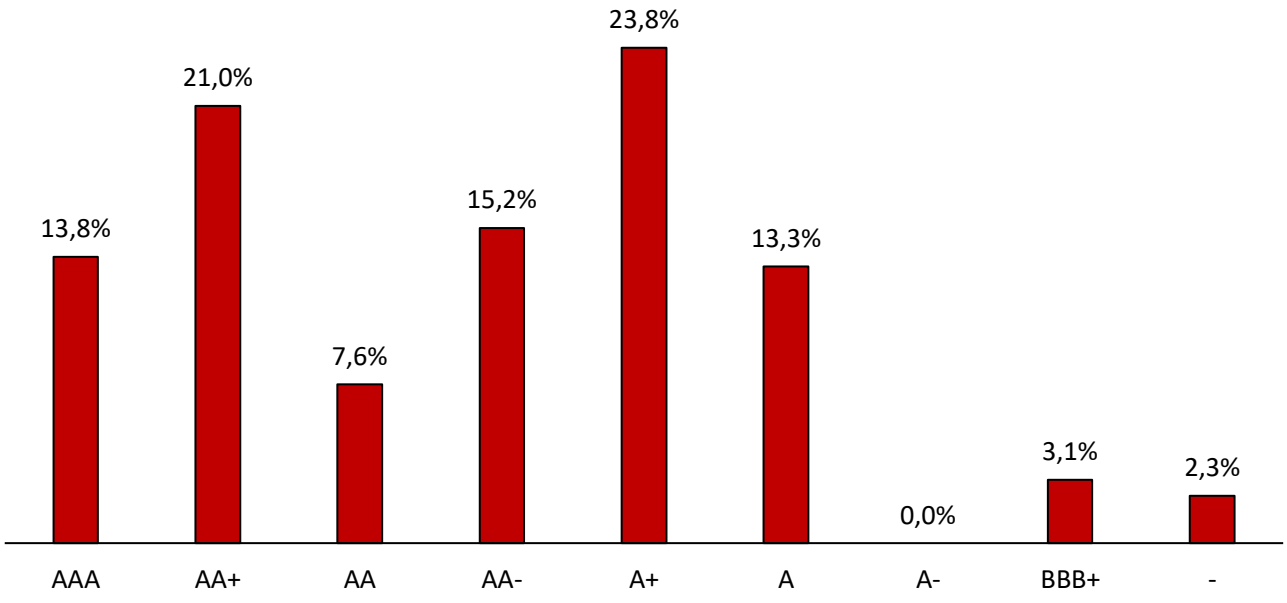
Elaboração: Suno Asset.

Exposição setorial



Elaboração: Suno Asset.

Exposição por rating externo



Elaboração: Suno Asset.

DETALHAMENTO DOS PRINCIPAIS ATIVOS

AES TUCANO

DADOS: 1T24 UDM



Ticker: TCII11

Setor: Energia Elétrica

Carrego de aquisição: CDI + 1,96%

Duration: 6,9 anos

Rating: AA- (Fitch)

Exposição: 2,9%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 3,47 bi

EBITDA: R$ 2,0 bi

Dívida Líquida:

DL/EBITDA:

DADOS OPERACIONAIS

Ventos: 8,3 m/s

Energia Bruta Gerada: 566 GWh

Turbinas em operação: 36

Duration dos PPA: 17,4 anos

Comentário da Gestão

O Complexo Eólico Tucano é uma usina de geração eólica situada nos municípios de Tucano, Biritinga e Araci, na Bahia, com capacidade instalada de 322 MW. É uma subsidiária da AES Brasil, uma das maiores companhias do segmento elétrico brasileiro. A AES Brasil possui 4,2 GW instalados em operação e mais 1,0 GW em construção, com atuação integral na geração de energia renovável.

Fonte: AES Brasil | Elaboração: Suno Asset

AGUÁS DO RIO

DADOS: 2T24 UDM

Tickers: RIS422, RIS424, RISP22 e RISP24

Setor: Saneamento

Carrego de aquisição: CDI + 1,74%

Duration: 8,3 anos

Rating: AA+ (S&P)

Exposição: 5,9%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 6,73 bi

EBITDA: R$ 1,58 bi

Dívida Líquida: R$ 7,65 bi

DL/EBITDA: 4,85x

DADOS OPERACIONAIS

Economias Faturadas: 4,62 mi

Volume Faturado: 255 mi m³ (2T)

Índices de perdas: 49,7%

Vencimento: 2046

Comentário da Gestão

A Águas do Rio é a maior concessão do portfólio da Aegea, que por sua vez, é a maior companhia privada de saneamento básico do país. A cia. atende mais de 20 milhões de pessoas sob a região de sua cobertura, e o prazo de sua concessão é de 35 anos (vencimento em 2046). Seus investimentos visam aumentar a área de cobertura de água e esgoto e diminuir as perdas de água na distribuição, auxiliando na meta nacional de universalização da cobertura de saneamento no país.

Fontes: Aegea | Elaboração: Suno Asset

BRASKEM

DADOS: 2T24 UDM



Ticker: BRKMA8

Setor: Petroquímico

Carrego de aquisição: CDI + 3,79%

Duration: 3,8 anos

Rating: AAA (S&P)

Exposição: 3,5%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 70,3 bi

EBITDA Recorrente: R$ 3,3 bi

Dívida Líquida Ajustada: R$ 29,1 bi

DL/EBITDA: 8,7x

DADOS OPERACIONAIS

Taxa de Utilização Brasil: 71%

Taxa de Utilização México: 78%

Taxa de Utilização EUA: 78%

Provisões de Alagoas: R$ 4,8 bi

Comentário da Gestão

A Braskem é uma das maiores Petroquímicas do mundo, com plantas na América Latina, América do Norte e Europa. Sua enorme escala proporciona ganhos de sinergia relevantes, garantindo à companhia um custo de produção competitivo globalmente e forte geração de caixa mesmo em cidos de baixa. A companhia é controlada pela Petrobrás e Novonor.

Fontes: Braskem | Elaboração: Suno Asset

BRISANET

DADOS: 2T24 UDM



Ticker: BRST11

Setor: Telecomunicações

Carrego de aquisição: CDI + 2,88%

Duration: 1,9 anos

Rating: AA- (S&P)

Exposição: 3,0%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 1.316 mi

EBITDA: R$ 579 mi

Dívida Líquida: R$ 891 mi

DL/EBITDA: 1,54x

DADOS OPERACIONAIS

Casas Passadas: 7.042 mil

Casas Conectadas: 1.361 mil

Cobertura 4G/5G: 6.561 mil hab

Cidade Atendidas (Fibra): 158

Comentário da Gestão

A Brisanet é uma companhia do ramo de telecomunicações com atuação majoritária na região Nordeste do país. O foco de sua operação está no desenvolvimento das telefonias fixa e móvel, além da fibra óptica. Presente em quase 370 cidades, é uma das maiores companhias do segmento, com mais de 1,3 milhão de clientes.

Fontes: Brisanet | Elaboração: Suno Asset

TERMINAL PORTUÁRIO DE SANTA CATARINA (TESC)

DADOS: 1T24



Ticker: CJEN13

Setor: Portos

Carrego de aquisição: CDI + 2,62%

Duration: 5,1 anos

Rating: A+ (Fitch)

Exposição: 7,2%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 58,8 mi

EBITDA anualizado: R$ 99,8 mi

Dívida Líquida: R$ 366 mi

DL/EBITDA anualizado: 3,67x

DADOS OPERACIONAIS

Volume: 422 mil ton

Comentário da Gestão

A Tesc – Terminal de Santa Catarina é um terminal portuário localizado no complexo de São Francisco do Sul (SC), com concessão iniciada em 1996 e renovada em 2017 até 2046. É ponto estratégico de interligação dos modais ferroviário e rodoviário para importação e exportação de componentes siderúrgicos, granéis sólidos, carga geral e carga de projeto. Devido à localização, é importante ponto de escoamento da produção agropecuária nacional para os mercados asiático e europeu.

Fontes: AgriBrasil | Elaboração: Suno Asset

IGUÁ RIO

DADOS: 2T24 UDM

Ticker: IRJS14

Setor: Saneamento

Carrego de aquisição: CDI + 1,83%

Duration: 8,3 anos

Rating: AAA (S&P)

Exposição: 3,3%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 1,89 bi

EBITDA: R$ 393 mi

Dívida Líquida: R$ 1.210 mi

DL/EBITDA: 3,08x

DADOS OPERACIONAIS

Produção de óleo (tri): 1.260 mil boe

Produção de gás (tri): -

Produção total diária (tri): 13,8 mil boe/d

Previsão 1° óleo FPSO Atlanta: 3T24

Comentário da Gestão

A Tesc – Terminal de Santa Catarina é um terminal portuário localizado no complexo de São Francisco do Sul (SC), com concessão iniciada em 1996 e renovada em 2017 até 2046. É ponto estratégico de interligação dos modais ferroviário e rodoviário para importação e exportação de componentes siderúrgicos, granéis sólidos, carga geral e carga de projeto. Devido à localização, é importante ponto de escoamento da produção agropecuária nacional para os mercados asiático e europeu.

Fontes: Enauta | Elaboração: Suno Asset

HOLDING DO ARAGUIA

DADOS: 2T24 SEMESTRAL



Ticker: HARG11

Setor: Rodovias

Carrego de aquisição: CDI + 2,37%

Duration: 5,8 anos

Rating: AAA (S&P)

Exposição: 3,5%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 370,6 mi

EBITDA Ajutado: R$ 173,9 mi

Dívida Líquida: R$ 2.485,1 mi

DL/EBITDA Anualizado: 7,15x

DADOS OPERACIONAIS

Fluxo: 20.284 mil pagantes

Tarifa média: R$ 10,65

Capex: R$ 177,8 mi

Comentário da Gestão

A Holding do Araguaia é uma subsidiária da Ecorodovias, e tem por objetivo explorar a concessão rodoviária de três trechos nas BRs-153, 080 e 414, nos estados do Tocantins e Goiás. A extensão total é de 850 km sob concessão. Sua atuação consiste na duplicação de vias, recuperação e manutenção do pavimento, além de obras e melhorias de segurança para as rodovias.

Fontes: Ecorodovias | Elaboração: Suno Asset

NORTE ENERGIA

DADOS: 2T24 UDM



Ticker: NTEN11

Setor: Energia Elétrica

Carrego de aquisição: CDI + 2,19%

Duration: 2,8 anos

Rating: A (Fitch)

Exposição: 3,5%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 5,73 bi

EBITDA: R$ 2,75 bi

Dívida Líquida: R$ 27,8 bi

DL/EBITDA Anualizado: 10,1x

DADOS OPERACIONAIS

Garantia Física: 4.571 MW

Energia Gerada: 2.659 GWm

Energia Contratada: 80% via PPA

Fim da Concessão: 2045

Comentário da Gestão

A Norte Energia é a operadora privada que detém a concessão da Usina Hidrelétrica Belo Monte, a 5ª maior hidrelétrica do mundo e a maior 100% nacional. A usina tem capacidade instalada de 11.233,1 MW e Garantia Física Total de 4.571 MWm, podendo atender a demanda de 60 milhões de brasileiros, sendo responsável por gerar até 10% da energia brasileira.

Fontes: Norte Energia S.A. | Elaboração: Suno Asset

ROTA DOS GRÃOS

DADOS: 2023



Ticker: RGRA11

Setor: Rodovias

Carrego de aquisição: CDI + 2,63%

Duration: 7,4 anos

Rating: A+ (Moody's)

Exposição: 5,2%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 40,5 mi

FCO: R$ 15 mi

Dívida Líquida: R$ 84 mi

Comentário da Gestão

A Rota dos Grãos é a concessionária que opera o trecho de 140,6 km da rodovia entre Primavera do Leste e Paranatinga, no estado de Mato Grosso. A via é uma importante rota de escoamento da produção agropecuária do estado. Com operação e pedagiamento iniciados em 2022, a atuação da concessão consiste na duplicação de vias, recuperação e manutenção do pavimento, além de obras e melhorias de segurança para a rodovia.

Fontes: Rota dos Grãos | Elaboração: Suno Asset

UTE GNA I

DADOS: 2T22 – 2T23



Ticker: UNEG11

Setor: Energia Elétrica

Carrego de aquisição: CDI + 2,83%

Duration: 7,6 anos

Rating: A (S&P)

Exposição: 4,8%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 424,5 mi

EBITDA: R$ 247 mi

Dívida Líquida: R$ 1.670 mi

DL/EBITDA Anualizado: 6,8x

DADOS OPERACIONAIS

Capacidade Instalada: 1.338 MW

Energia Gerada: 357 GW med

Fim do PPA: 2044

Comentário da Gestão

A UTE GNA I é uma usina termelétrica localizada no município de São João da Barra, no Rio de Janeiro. É composta por três turbinas a gás e uma turbina a vapor que, juntas, são responsáveis por gerar 1,3 GW em ciclo combinado. A GNA é uma joint venture entre a Prumo Logística, bp, Siemens e SPIC Brasil, dedicada ao desenvolvimento, implantação e operação de projetos sustentáveis de energia e gás no país.

Fontes: GNA | Elaboração: Suno Asset

SUNO (ASSET)

SNID11

CONHEÇA TODOS OS NOSSOS FUNDOS DE INVESTIMENTO

SNAG11 — Primeiro Fiagro-Híbrido da bolsa brasileira, lançado ao mercado em agosto de 2022. Investe em terras logísticas voltadas ao agronegócio e ativos de crédito para o setor.

SNFF11 — Fundo de Fundos que investe em mais de 30 outros FIIs da bolsa e em centenas de ativos imobiliários por todo o país. Uma maneira descomplicada de aplicar no setor.

SNCI11 — Fundo de Papel de risco moderado. Sua principal característica é entregar retornos consistentes aos cotistas, com rendimentos comparados a fundos de alto risco.

SNEL11 — Primeiro FII de Energias Limpas da bolsa brasileira. Atualmente está em período de *lock-up* de cotas. A previsão da liberação de negociação é para dezembro de 2023.

SNLG11 — Fundo Imobiliário de Tijolo que está em processo de reestruturação. Em seu portfólio há imóveis alugados para empresas como Ambev, Ceratti, Itambé e Volkswagen.

SUNO FIC FIA — Fundo de Investimento em Ações que utiliza como referência as carteiras recomendadas da Suno Research. Exposição em ativos de Valor, Dividendos, Small Caps e Internacional.

SUNO PREV — Fundo de Previdência Privada que investe em ações, com exposição muito similar ao SUNO FIC FIA. Conta com os benefícios tributários de uma Previdência, investindo em ações.

SUNO GLOBAL EQUITIES — Fundo de Investimento em Ações, com exposição em ações globais listadas no Brasil ou nas bolsas dos EUA. Investe nas maiores empresas do mundo.

SNME11 — FII Multiestratégia da Suno Asset. Fundo com locação multidimensional, o que elimina o esforço do cotista. Uma forma de buscar a simplificação máxima da estratégia imobiliária.

LIVE MENSAL

Acesse o formulário e envie suas dúvidas a respeito do nosso fundo para serem respondidas em *lives* mensais no canal da Suno Asset no Youtube.

Enviar dúvidas

Não deixe de nos acompanhar nas redes sociais!

SNID11

SUNO INFRA DEBÊNTURES FI EM COTAS DE FUNDOS INCENTIVADOS DE INVESTIMENTO EM INFRA RENDA FIXA CP

Aviso/Disclaimer:

"Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. É recomendada a leitura cuidadosa do prospecto e do regulamento do fundo de investimento pelo investidor ao aplicar seus recursos. Os investidores devem estar preparados para aceitar os riscos inerentes aos diversos mercados em que os fundos de investimento atuam e, consequentemente, possíveis variações no patrimônio investido. O Administrador não se responsabiliza por erros ou omissões neste material, bem como pelo uso das informações nele contidas. Adicionalmente, o Administrador não se responsabiliza por decisões dos investidores acerca do tema contido neste material nem por ato ou fato de profissionais e especialistas por ele consultados.

Este material não tem relação com objetivos específicos de investimentos, situação financeira ou necessidade particular de qualquer destinatário específico, não devendo servir como única fonte de informações no processo decisório do investidor, que, antes de decidir, deverá realizar, preferencialmente com a ajuda de um profissional devidamente qualificado, uma avaliação minuciosa do produto e respectivos riscos face a seus objetivos pessoais e a sua tolerância ao risco (Suitability)."